
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



V.13. N. 26. Mai./Ago./ 2019 p. 67-89

ISSN: 2237-0315

Experiências de pesquisas com crianças na Amazônia

Experiences of researches with children in Amazon

Marileia Pereira Trindade

Ivany Pinto Nascimento

Universidade Federal do Pará – UFPA

Belém-Pará-Brasil

Resumo

Neste artigo, refletimos sobre a realização de pesquisas com crianças na Amazônia tomando como ponto de partida quatro dissertações e uma tese que tiveram crianças como seus sujeitos de pesquisa, desenvolvidas entre os anos de 2008 e 2014 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Investigamos as motivações que contribuíram para a escolha de crianças como sujeitos de pesquisa, os cuidados éticos empreendidos, as técnicas utilizadas na coleta de informações e os principais destaques sobre a experiência de realização de pesquisa com crianças que constam nas dissertações e na tese selecionadas. Os resultados mostram que as pesquisas com crianças demandam cuidados éticos ao longo do processo de investigação e planejamento minucioso da pesquisa. As pesquisas com crianças na Amazônia precisam se intensificar, para se construir novos caminhos investigativos que consideram as crianças como sujeitos do conhecimento e para se conhecer contextos particulares de vida a partir desses sujeitos.

Palavras-chave: Amazônia. Pesquisa com crianças. Crianças.

Abstract

This article reflects on the achievement of researches with children in Amazon. As the starting point, there are four dissertations and one master's thesis that had children as their research object. They were developed between 2008 and 2014, at the Graduate Program in Education (PPGED), at the Federal University of Pará State (UFPA). The motivation that contributed to select children as research objects, the application of ethical care, the methodology to collect information, and the main highlights about the experience of the accomplishment of researches with children were investigated. The results show that researches with children demand ethical care throughout the process and detailed research planning. It is necessary to intensify researches with children in order to build new investigative paths that consider children as individuals with knowledge, and to know their particular contexts of life.

Keywords: Amazon. Research with children. Children.

1 Introdução

Tratamos neste artigo sobre pesquisas com crianças na Amazônia, com base em 5 produções (4 dissertações e 1 tese) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Existem muitos estudos que tratam sobre as crianças, mas raramente foram construídos por meio da interação direta com elas. Para se estudar as crianças, comumente se parte do olhar de adultos, na “percepção considerada madura e experiente sobre o outro ser, geralmente considerado sem voz e sem vez” (MÜLLER; REDIN, 2007, p. 12). Há uma forte tendência epistemológica “que se relaciona com as crianças como se elas fossem desprovidas de capacidade de reflexão da ação”, como se suas ações não possuíssem sentido ou fossem “o reflexo direto da ação dos adultos” (SOARES, SARMENTO E TOMÁS, 2005, p. 52).

Muito embora persista essa visão sobre as crianças, há atualmente um movimento nos estudos científicos que enfatizam que as manifestações infantis não são simples reproduções dos conhecimentos acumulados socialmente. Passa-se a ver a criança como “um ser que dá sentido ao mundo em que vive” e faz “diferentes leituras das tramas sociais” (MÜLLER; REDIN, 2007, p. 17). Dessa forma, as crianças não apenas “recordam ou imitam o mundo dos adultos, mas dele se apropriam criativamente dando-lhe outro sentido” (IBIDEM, p. 20).

O campo de estudos da sociologia da infância tem feito um intenso debate teórico-metodológico acerca das crianças e das relações que elas estabelecem com o contexto social. Tais estudos questionam a visão de que as crianças apenas internalizam os conhecimentos presentes no mundo. Passa-se a considerar que, nos processos de socialização, as crianças vivem momentos de adaptação e de internalização, e ainda de apropriação, de reinvenção e de reprodução (CORSARO, 2011).

Uma das filosofias básicas da sociologia da infância é: “as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto” (CORSARO, 2011, p. 16). Nesse sentido, as crianças não se apropriam simplesmente do mundo adulto, mas de forma criativa fazem uso das informações presentes no mundo; com isso, elaboram suas culturas específicas e ao mesmo tempo

contribuem para as transformações sociais. São, portanto, sujeitos ativos no mundo. Por isso, suas culturas “são dignas de documentação e de estudo por si” (IBIDEM, p. 53).

A partir de defesas como estas da sociologia da infância, desencadeiam-se as discussões relativas às pesquisas com crianças. Essas pesquisas consideram que as crianças são “atores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 54). Por isso, as investigações com crianças visam “atribuir aos mais jovens o estatuto de sujeitos de conhecimento, e não de simples objeto, instituindo formas colaborativas de construção do conhecimento” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 54). Tais investigações assumem, portanto, as crianças como atores sociais e destacam o valor de conhecer suas perspectivas sobre si e sobre a trama social.

Para Souza (2009, p. 30), as crianças são “sujeitos ativos na constituição da sua própria história”, por isso, é necessário romper “com a ideia de que a criança nada sabe” e “perceber a criança enquanto sujeito carregado [...] de sonho, de desejo, de vontade própria para o desenvolvimento crítico acerca do que está posto pela sociedade”. Assim, reafirma-se que as crianças não apenas se apropriam do mundo social, mas são co-construtoras dele, pois o interpretam e têm manifestações próprias.

Charone (2008, p. 133) ressalta que “as crianças não vivem alheias a este mundo, ou num mundo à parte”. Desse modo, pode-se pensar que, desde o momento de seu nascimento, as crianças participam de vivências sociais, incorporam elementos socioculturais e nesse envolvimento percebem o mundo e constroem significados sobre ele.

Ao pesquisar o sentido do corpo para crianças de um abrigo, Azevedo (2010, p. 12) afirma que “conhecer o sentido de corpo vivido pelas crianças acolhidas é uma forma de interpelarmos estes sujeitos, respeitando sua subjetividade e evitando concepções sobre essa experiência”. É, portanto, importante envolver as crianças em pesquisas, para nos aproximarmos dos sentidos que elas expressam e evitarmos interpretações preconcebidas sobre elas.

Para Agostinho (2010, p. 27), as crianças são “informantes privilegiados de seus mundos de vida”. Por isso, é fundamental que os pesquisadores interajam diretamente com as crianças para apreender suas culturas e visões de mundo.

Nas discussões relativas às crianças, o ponto de vista de adultos é importante, mas não é suficiente, pois os adultos não sabem tudo sobre as crianças, como pondera Lee (2010, p. 46-47):

Se a teoria de que os adultos sabem tudo que as crianças sabem fosse infalível [...], então o silêncio das crianças provavelmente não seria problema algum. Sob tais condições, os adultos sempre saberiam do que as crianças precisam, talvez antes de elas mesmas saberem; teriam plena compreensão dos erros e acertos no tratamento das crianças. [...]. Se pudermos assumir que essas suposições são verdadeiras, então podemos aceitar que é correto que os adultos sempre sejam mediadores em nome das crianças e que as crianças sejam sempre “vistas e não ouvidas”.

Como os adultos não sabem tudo o que se passa na perspectiva das crianças, é fundamental ouvi-las. Assim, “quanto mais envolvidos estivermos com as práticas sociais das crianças e partilharmos de suas interpretações, mais poderemos evitar os riscos de interpretações descabidas acerca de seus mundos” (AGOSTINHO, 2010, p. 69).

Vale ressaltar que se defende pesquisas com crianças, mas não se nega outros métodos de investigação para analisar as manifestações infantis, como a escuta de adultos. Para Fernandes (2016, p. 763), pesquisar crianças não significa rejeitar os conhecimentos tradicionais e os métodos de pesquisa utilizados ao longo dos tempos, mas representa considerar “novas possibilidades de aceder metodologicamente às crianças, como informantes”. Isso implica “mobilizar novos posicionamentos metodológicos e éticos respeitadores das especificidades de que se reveste a investigação com esse grupo”.

Dessa forma, ao se “atribuir às crianças o estatuto de sujeitos de conhecimento e de ação”, não se pretende causar “desordem, superficialidade, ou caos metodológico”, mas ampliar as formas de conhecer as crianças diante da “própria complexidade e multidimensionalidade do que nos rodeia” (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005, p. 62). As metodologias de investigação com crianças têm, enfim, o propósito de “desenvolver um trabalho de tradução e desocultação das vozes das crianças, que permaneceram ocultas nos métodos tradicionais de investigação” (IBIDEM, p. 55).

Em geral, tem-se posto em questão o quanto é valioso ter as crianças como sujeitos nas investigações, como informantes privilegiados que dizem muito sobre suas infâncias, sobre as relações que estabelecem, sobre os contextos socioculturais em que vivem, entre outros aspectos. Particularmente na Amazônia, dada sua diversidade contextual, “pensar em pesquisa com crianças [...] é pensar em processo constantemente transformado, dinâmico e alternativo, no qual a flexibilidade e a abertura para novas experiências precisam ser consideradas” (SANTOS; OLIVEIRA, 2018, p. 176).

A realização de pesquisa com crianças “não constitui mero detalhe ou uma simples inovação”, mas uma forma de modificar “a maneira de o pesquisador olhar a criança, a infância e o próprio contexto sociocultural que a circunda” (MARTINS FILHO; BARBOSA, 2010, p. 16-17).

Por meio da investigação das perspectivas das crianças, é possível conhecer as mais variadas vivências infantis, os mais variados contextos a que as crianças pertencem, enfim, conhecer o mosaico formado pelas diversas infâncias.

Assim, com os dizeres infantis, podemos examinar as muitas formas de viver a infância, como a infância na Amazônia. Santos e Oliveira (2018, p. 162) defendem que as pesquisas com crianças na Amazônia contribuem para apontar “situações de como vivem as crianças nos diferentes contextos socioculturais amazônicos” e ainda para revelar os significados de ser criança nesses contextos.

Considerando a importância desse novo campo de pesquisas, propomo-nos, neste artigo, a examinar as experiências de pesquisas com crianças na Amazônia realizadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA. Este estudo se originou a partir da seguinte questão: o que indicam autores de dissertações e teses do PPGED da UFPA sobre a experiência de realização de pesquisas com crianças da Amazônia?

Para identificarmos dissertações e teses do PPGED da UFPA que desenvolveram pesquisa com crianças realizamos buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capesⁱ e no *site*ⁱⁱ deste Programa. Dentre as 328 dissertações e 109 teses defendidas nesse Programa no período de 2005 a 2017, apenas 5 produções (4 dissertações e 1 tese) têm crianças como sujeitos do estudo, cujos autores são: Charone (2008), Souza (2009)ⁱⁱⁱ, Azevedo (2010), Moraes (2010), Souza (2014).

Com base em tais produções, nos debruçamos na análise dos seguintes elementos: as motivações para a escolha de crianças como sujeitos de estudo, os cuidados éticos empreendidos, as técnicas utilizadas na coleta de informações e os destaques sobre a experiência de desenvolvimento de pesquisa com crianças. Para isso, exploramos essas produções com base em procedimentos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Procedemos à leitura integral das produções para tecermos as primeiras impressões; selecionamos e agregamos elementos desses textos conforme a referida intenção de análise; destacamos as informações analisadas e construímos inferências. Apresentamos a seguir nossos achados.

2 Motivações para a escolha de crianças como sujeitos de pesquisa

Charone (2008) relata que escolheu crianças como seus sujeitos de pesquisa em função de seu envolvimento com estudos acadêmicos sobre crianças e devido a sua experiência profissional com crianças, enquanto professora na educação infantil e no ensino fundamental. Tais fatos proporcionaram-lhe conhecimentos a respeito das crianças, além de inquietações sobre o lugar da criança nas pesquisas enquanto sujeitos participantes.

Souza (2009, p. 17) diz que elegeu as crianças como sujeitos de seu estudo a partir da disciplina Análise do Discurso, do Programa de Pós-Graduação da UFPA. Nessa disciplina, a autora percebeu a possibilidade de analisar os discursos de crianças e suas práticas culturais na escola. Em outra disciplina, Constituição do Sujeito Cultura e Educação, do mesmo Programa, mais uma vez a autora foi instigada a ver a criança como “um sujeito cultural em uma posição ativa na pesquisa”.

As primeiras inquietações do estudo de Azevedo (2010, p. 10 e 11) foram influenciadas por sua experiência enquanto pedagoga de uma Vara da Infância e Juventude de Belém que lhe possibilitava observar empiricamente “as manifestações corporais dos acolhidos no contexto institucional, especialmente em crianças, as quais comunicavam pela gestualidade, seu estado de espírito naquele momento”. Firmou-se assim seu interesse de “entender como é ser-corpo-criança abrigado institucionalmente”.

A motivação de Moraes (2010, p. 12) para conhecer a infância pelo olhar das crianças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) derivou de estudos

sobre a infância e o MST. Além disso, a autora relata que contribuiu para essa motivação sua experiência em estágios na educação infantil e, posteriormente, na docência da educação infantil e na coordenação pedagógica no ensino fundamental. Essas incursões teórico-práticas fortaleceram o interesse da autora de desenvolver estudos e práticas pedagógicas com as crianças e contribuíram para que ela entendesse “a criança como um ser que participa da vida de sua comunidade, se apropriando e reelaborando a cultura de seu grupo”.

Souza (2014, p.26) interessou-se por estudar o trabalho infantil desde a elaboração de sua dissertação, cujos dados apontaram crianças envolvidas nessa condição de trabalho. Em sua tese, ao realizar um levantamento de produções que discutiam sobre o trabalho infantil na Amazônia, constatou uma lacuna de pesquisas que tratassem esse tema a partir de crianças envolvidas nessas práticas. Dessa forma, a autora permaneceu com o desejo de “continuar a ouvir as vozes de crianças e de adolescentes sobre o trabalho infantil”.

Com base nesses destaques, constatamos que a convivência profissional com as crianças representou uma das motivações para a decisão de realizar pesquisas com crianças. Sabemos que não basta trabalhar com crianças para se realizar pesquisas científica com as mesmas. O sujeito responsável pela investigação precisa está imerso em um contexto de pesquisa, com devido planejamento de todo o processo de investigação. Contudo, em relação aos estudos ora analisados, compreendemos que a prática profissional das autoras despertou o interesse delas em conhecer mais sobre as crianças.

Desse modo, torna-se importante a formação continuada dos profissionais da educação e dos demais profissionais cujas práticas se voltam para as crianças, para que os debates e pesquisas que envolvem a infância estejam em constante (re)construção.

As discussões no âmbito do Programa de Pós-Graduação da UFPA também foram indicadas como motivadoras para o desenvolvimento de pesquisas com crianças. Sabemos que a pós-graduação *stricto sensu* é um espaço privilegiado para instigar os envolvidos a problematizarem os modos de construção do conhecimento. Segundo a experiência de Souza (2009), no PPGED da UFPA, particularmente em disciplinas, tem-se discutido a relevância de se envolver crianças em pesquisas. Isso certamente contribui para o debate sobre a produção de conhecimento na Amazônia.

A partir do indicativo das autoras de que as incursões teóricas contribuíram para a escolha de crianças como sujeitos de pesquisa, observamos seus referenciais teóricos e constatamos que Charone (2008), Souza (2009), Moraes (2010) e Souza (2014) se embasam em estudos da sociologia da infância. Portanto, compreendemos que as os pressupostos teóricos da sociologia da infância somaram para que as autoras elegessem crianças como seus sujeitos de estudo.

Corsaro (2011) aponta que há 18 anos havia uma quase ausência de estudos sobre as crianças na sociologia. Mas esse quadro recentemente teve mudanças. Desencadeou-se uma série de discussões e publicações de estudos sociológicos (teóricos e empíricos) sobre a criança e a infância. O interesse pelo estudo da infância na sociologia ressurgiu quando questões envolvendo as crianças passam a ser alvo de preocupação dos adultos, como os problemas sociais.

Assim, partir da década de 1980, no interior do campo sociológico ganham expressividade os estudos em sociologia da infância. Tais estudos se dedicaram a analisar dentre outros aspectos, “as trocas, as brincadeiras, as relações das crianças entre si, enfim, as pesquisas sobre o mundo da infância” (MONTANDON, 2001, p. 42). A partir daí as pesquisas com crianças tiveram cada vez mais espaço no campo científico e provocaram novas percepções a respeito das crianças. Sirota (2001, p. 14) compreende que a emergência atual de uma sociologia da infância contribuiu para se tomar a sério a criança e se renovar o olhar sobre ela tanto nas ciências sociais quanto nas ciências humanas.

Por último, concordamos com a compreensão de que a aceitação ou a negação das vozes infantis depende das concepções de criança assumidas (MARTINS FILHO; PRADO, 2011). Desse modo, inferimos que a escolha das autoras em destaque de ter crianças como sujeitos de suas pesquisas decorre dos significados sobre crianças por elas assumidos, os quais denotam as crianças como agentes sociais ativos e criativos, além de sujeitos do conhecimento, significados também presentes em proposições da sociologia da infância.

3. Cuidados éticos

Para Fernandes (2016), assim como a investigação da infância por meio das vozes das crianças tem uma história recente, do mesmo modo é recente a discussão sobre ética na pesquisa com criança. Em suas palavras:

A discussão sobre ética e pesquisa com crianças não tinha qualquer visibilidade, sendo quase omissos, quer documentos reguladores dessa relação, quer publicações acadêmicas. Essa realidade começa a ser alterada a partir do momento em que se registam mudanças no paradigma com base no qual se entende/compreende a criança e a infância, lançando-se, assim, também as bases para uma renovação ético-metodológica nas relações de pesquisa com crianças (FERNANDES, 2016, p. 761).

Considera a autora que a partir do espaço que a criança obteve no discurso sociológico e da ampliação das discussões sobre ela enquanto sujeito passível de ser estudado em si mesmo, desencadearam-se pressupostos éticos sobre a pesquisa com crianças.

Dentre os cuidados éticos em pesquisas com crianças, faz-se necessário o pesquisador explicar as elas acerca da intenção da pesquisa com a finalidade de obter a anuência delas em participar da investigação. Para documentar a aceitação dos sujeitos em relação ao desenvolvimento da pesquisa, a Resolução N° 466 de 12 de dezembro de 2012, ao tratar das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, recomenda o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento, também chamado de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), conforme os incisos a seguir:

II.23 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar;

II.24 - Termo de Assentimento - documento elaborado em linguagem acessível para os menores ou para os legalmente incapazes, por meio do qual, após os participantes da pesquisa serem devidamente esclarecidos, explicitarão sua anuência em participar da pesquisa, sem prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais.

Desse modo, ambos os termos são necessários em pesquisas com crianças: o TCLE contempla a autorização dos responsáveis legais das crianças em relação à pesquisa e o TALE representa a aceitação das crianças quanto a participação na pesquisa.

Para Fernandes (2016, p. 765), o consentimento das crianças à sua participação nas pesquisas poderá ser verbal ou escrito, desde que “seja voluntário, sem provocar na criança qualquer sentimento de coerção, tornando sempre explícito que pode ser constantemente renegociado e renovado”. A aceitação das crianças também deve ser considerada ao longo da pesquisa, observando-se seu interesse em permanecer (ou não) no processo. Para a autora, as discussões sobre os processos éticos em pesquisas com crianças são complexas, do mesmo modo como são em demais pesquisas científicas.

Como a relação entre ética e ciência tem sido continuamente renovada e reconfigurada, quer considerando os princípios epistemológicos que orientam o olhar dos pesquisadores, quer considerando as condições concretas, que em cada contexto se vão apresentando e conferindo complexidades distintas ao processo de construção de conhecimento, também assim as discussões sobre ética na investigação com crianças tem sido um constructo complexo [...] (FERNANDES, 2016, p. 761).

Desse modo, compreendemos que podem haver variações quanto aos procedimentos éticos adotados em pesquisas com crianças. Contudo, acreditamos que o uso do TCLE e do TALE são passos importantes nessas pesquisas.

Nas dissertações e na tese ora analisadas, fica clara a preocupação das pesquisadoras, ao longo do processo de investigação, em esclarecer a finalidade da pesquisa e consultar as crianças sobre seus interesses em participar da investigação. As pesquisadoras também providenciaram as devidas autorizações dos responsáveis das crianças.

Nos estudos de Charone (2008), Souza (2009) e Souza (2014), encontramos registros da utilização do TCLE assinado pelos responsáveis das crianças. Moraes (2010) não utilizou esse termo, mas explica que visitou as crianças em suas casas para convidá-las a participar de sua pesquisa e solicitar a autorização (de forma verbal) dos pais delas. No estudo de Azevedo (2010), a responsável legal das crianças no abrigo, a coordenadora, assinou esse termo. Em nenhum desses estudos houve referência ao TALE, embora seja uma recomendação da Resolução N° 466/ 2012.

Da análise das cinco produções, inferimos que, no processo de coleta de informações, as pesquisadoras tiveram atitudes de respeito em relação às crianças, tomando cuidado para não as aborrecer, dando atenção às suas reações, como relata Azevedo (2010, p. 16): “tomamos como responsabilidade ética e política, respeitar as

condições das crianças (estado de saúde, de ânimo etc.), de maneira a não as estressar por ocasião da atividade de coleta”.

Assim, faz parte do processo ético em pesquisas com crianças “respeitar a espontaneidade” das mesmas “sem tolhê-las ou ofender as suas liberdades, mesmo quando suas falas desejam se calar e os nossos ouvidos só querem ouvir” (CARVALHO; MÜLLER, 2010, p. 76-77). Em outras palavras, mesmo com o propósito de apreender as manifestações e vozes das crianças, precisamos respeitar suas reações e o desejo de participarem (ou não) das pesquisas.

Acrescentamos ainda que no processo de pesquisa, os cuidados éticos envolvem desde a forma como se estrutura a pesquisa à forma como se analisa a vida das crianças. A ética envolve também um processo dialógico na pesquisa, de forma que se possa respeitar as crianças. Assim como o resultado da pesquisa precisa ser “eticamente aceitável”, os meios para consegui-los igualmente devem ser éticos (FERNANDES, 2016, p. 775). Com base nisso, a partir da análise das dissertações e tese, compreendemos que as pesquisadoras salvaguardaram uma relação de respeito às crianças ao longo do processo de investigação, assim como na apresentação dos resultados de seus estudos.

4 Técnicas de coleta de informações

A pesquisa de Charone (2008) – *Significados e sentidos dos discursos de um grupo de crianças da 3ª série do ensino fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência* – foi realizada em uma escola pública municipal de Ananindeua, Pará. Foram feitas entrevistas semiestruturadas, de forma coletiva, com 13 crianças (6 meninas e 7 meninos), com idades de 9 a 11 anos. As crianças foram divididas em 4 grupos, para que elas pudessem dialogar entre si ao longo das entrevistas. Juntamente com as entrevistas, a pesquisadora apresentou às crianças duas fotografias disponíveis no *Google imagens*: uma de um professor e outra de uma professora, ambos em sala de aula com alunos. A “intenção principal da utilização desses instrumentos (fotografias) foi a de mediar a entrevista e de criar um clima mais acolhedor e motivador com a criança” (CHARONE, 2008, p. 26). As entrevistas foram registradas com câmera filmadora e gravador de voz.

Do estudo de Souza (2009) – *As culturas infantis no espaço e tempo do recreio*: constituindo singularidade sobre a criança –, participaram 93 crianças com idades de 9 a 11 anos, todas de uma escola da rede municipal de Belém. As técnicas utilizadas foram

questionário e observação exploratória. Após a aplicação do questionário, a pesquisadora explicou às crianças que precisaria observá-las no tempo do recreio e que também poderiam escolher um tema para dialogar nesse mesmo tempo:

Então expliquei a elas que voltaria a [sic] escola durante alguns dias da semana, e estaria observando-as no tempo do recreio que também juntas iríamos eleger algum tema para dialogar. Disse às crianças que os temas seriam a partir do que elas responderam no questionário, mas que também poderíamos falar de outros assuntos, evidenciei que os nossos encontros seriam livres, ou seja não é obrigatório [sic] a participação. Todas as crianças concordaram (SOUZA, 2009, p. 38).

Nas observações sistemáticas, para apreender os discursos das crianças, a pesquisadora utilizou câmera digital e diário de campo. Os registros no diário, principalmente das conversas da pesquisadora com as crianças, eram feitos tão logo terminava o tempo do recreio.

A pesquisa de Azevedo (2010) – *Acolhendo corporeidades: o sentido do corpo para crianças de um abrigo institucional do município de Belém* – envolveu 4 meninos, com idades de 8 a 11 anos. Foi utilizado um formulário para a caracterização dos sujeitos, com base em informações de seus prontuários de atendimento e em informações de um pedagogo e de uma assistente social da instituição, e um outro formulário para a caracterização da instituição. Para investigar os sentidos do corpo das crianças, a pesquisadora realizou observação sistemática das atividades delas no tempo livre^{iv}, com registros por meio de filmagens e diário de campo.

Moraes (2010) desenvolveu seu estudo – *A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação* – em um assentamento, na ilha de Mosqueiro, Pará. Para a recolha das informações, utilizou oficina e entrevistas em grupo com as crianças. Na oficina, as crianças produziram desenhos:

[...] realizei uma atividade cujo objetivo era conhecer cada uma das crianças, então pedi que elas desenhassem coisas que elas gostam de fazer. Durante o desenho elas falavam bastante, seja para perguntar o desenho, anunciar o que iriam fazer ou para conversar sobre outras coisas (MORAES, 2010, p. 34).

A etapa das entrevistas foi dividida em 4 seções, uma para cada grupo de crianças. Participaram das entrevistas 13 crianças (10 meninas e 3 meninos), com idades de 6 a 11 anos. Para registro desse momento, foi utilizado um gravador de voz.

A pesquisa de Souza (2014) – *Trabalho infantil: uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho* – foi realizada em 4

escolas públicas de Belém, Pará. Participaram da pesquisa crianças e adolescentes, de 10 a 14 anos. As técnicas de sua pesquisa foram painéis e grupo focal. Inicialmente foram realizadas seções de painéis, com um conjunto de 157 crianças e adolescentes, com a finalidade de “aproximar os pesquisadores e pesquisados, como para localizar o envolvimento de crianças e de adolescentes no trabalho infantil” (SOUZA, 2014, p. 102). Essas seções foram divididas em: painel musical, painel do trabalho, painel Cine Prosa. A primeira seção (painel musical) foi assim descrita:

[...] uma atividade de figuras, que se desenvolve com a audição musical e produção de desenhos. Utiliza-se [sic] folhas de papel a4, cartolina, lápis de cor, caneta colorida, cola, figuras etc. Teve o objetivo principal de dar voz para os participantes da pesquisa, para ouvi-las sobre concepção de criança e adolescência.

Nessa atividade as crianças e os adolescentes são convidadas [sic] a produzirem desenhos sobre a sua própria história. Elas devem retratar por meio do desenho o sentido da infância e da adolescência ao escutar as músicas “Aquarela” (Toquinho) e “Semente do amanhã” (Gonzaguinha) (SOUZA, 2014, p. 103).

A segunda seção (painel do trabalho) “teve o objetivo de abordar a categoria trabalho e provocar as crianças e os adolescentes a falarem das várias profissões com o intuito maior de perceber o que elas pensavam sobre o trabalho” (SOUZA, 2014, p. 105). Para isso, a pesquisadora fez uma exposição de figuras que retratavam diversos profissionais, na sala de aula onde ocorreu o encontro com os sujeitos. Na terceira seção (Cine Prosa), a pesquisadora organizou uma sala e providenciou lanches para o grupo, que assistiu a um documentário sobre o trabalho infantil e, em seguida, discutiu sobre o documentário. Quanto ao grupo focal, houve a intenção de discutir sobre o trabalho infantil com os sujeitos do estudo. Ao todo, participaram do grupo focal 16 sujeitos (9 meninas e 7 meninos), na faixa etária de 10 a 14 anos, envolvidos em condição de trabalho infantil.

Em geral, observamos que as pesquisadoras tiveram o cuidado de utilizar técnicas que despertassem o interesse das crianças pelo envolvimento nas pesquisas. Constatamos também que as pesquisas com crianças exigem dos pesquisadores um planejamento minucioso e criativo das técnicas a serem utilizadas. Como no estudo de Martins Filho e Prado (2011), as cinco produções ora analisadas indicam que, em pesquisas com crianças, é possível perguntar, observar, conversar, filmar, fotografar, registrar, entre muitas outras formas que contribuem para apreender o que pensam as crianças.

4 Aspectos do desenvolvimento das pesquisas

As produções em foco indicam que ter as crianças como sujeitos participantes das investigações não é um processo simples e demanda a sensibilidade do pesquisador na aproximação com as crianças e com outros sujeitos responsáveis por elas. Mesmo com esses desafios, esses estudos revelam aspectos favoráveis de pesquisar crianças, como a satisfação delas em participar desses processos.

Charone (2008, p. 25) afirma que “a entrevista, tomada como instrumento de coleta dos dados, realizou-se com um caráter não só de recolha de informações, mas também de interação”. O processo de investigação demandou a aproximação da pesquisadora com o grupo, de forma que as crianças se sentissem à vontade para dialogar com ela.

Moraes (2010, p. 33) descreve a receptividade que obteve das crianças: “[...] percebi que as crianças são muito receptivas, falantes e participativas. De fato, fui muito bem recebida por elas”. Contudo, o acolhimento das crianças por seu estudo foi progressivo:

[...] gradativamente a minha aproximação com elas foi se construindo. No primeiro encontro ainda estavam distantes, apesar de boa receptividade que tive. Pude constatar esse distanciamento pelo comportamento das crianças: elas ficavam muito quietas e falavam pouco se comparado com os encontros seguintes. Já no segundo elas estavam mais soltas: falavam mais sobre os acontecimentos, lançavam questionamentos, se recusavam a realizar algumas coisas que eu propunha, brincavam entre si. Entendi estes comportamentos como indicativos de que eu deixava de ser uma estranha que despertava curiosidade e passava a ser próxima a elas (MORAES, 2010, p. 36).

Souza (2009), da mesma forma, relata a recepção das crianças em relação a sua pesquisa, assim como da professora responsável por elas, que as auxiliou inclusive na resposta ao questionário proposto pela pesquisadora:

[...] a professora nos recebeu entusiasmada e colaborou com a aplicação do questionário. Nessa turma, as crianças já haviam sido informadas a respeito da minha presença, em sala de aula. Indaguei quais as crianças gostariam de participar daquele momento. As crianças presentes foram unânimes em colaborar e participar da pesquisa. Eufóricas, curiosas [...], as crianças indagavam, perguntavam qual o propósito da pesquisa (SOUZA, 2009, p. 35).

Nos encontros seguintes da pesquisadora com as crianças na escola, permaneceu o entusiasmo delas pela participação na pesquisa: “No segundo dia, ao chegar à escola, algumas crianças vieram ao meu encontro em busca de afeto [...]. Outras crianças que

não se encontravam, no primeiro dia, pediam para participar e responder às questões” (SOUZA, 2009, p. 36). Segundo a pesquisadora, essa reação das crianças aguçou sua motivação pelo prosseguimento dessa investigação. A autora conta ainda sobre os encontros posteriores com as crianças:

Nos dias dos nossos encontros havia sempre um grupo que não deixava de participar, às vezes selecionava algumas crianças para dialogar, mas no geral, sempre havia um número entre 10 e 12 crianças em cada encontro, fazíamos uma roda e sentávamos na calçada, juntas escolhíamos um tema para conversar. Nem sempre um assunto se esgotava em 15 minutos, aí as crianças diziam no próximo vamos continuar, assim fomos construindo os momentos mágicos do recreio (SOUZA, 2009, p. 38).

Esse relato expressa que o grupo, pesquisadora e crianças, conseguiu estabelecer conversas interessantes e prazerosas que contribuíram para a aproximação de todos e para que a pesquisadora pudesse conhecer minúcias das culturas infantis no tempo e no espaço do recreio.

No mesmo estudo, verificamos ainda que é importante que o pesquisador tenha um olhar atento e sensibilidade no processo de investigação com as crianças. Souza (2009) relata que algumas crianças escreveram nos questionários que, durante os recreios, elas não interagiam, não brincavam, não tinham amigos, não faziam nada; entretanto, a pesquisadora constatou que as respostas nos questionários não condiziam com o que elas vivenciavam e tratou sobre isso com as crianças:

[...] disse a elas que as respostas não estavam de acordo com o que eu observava, são contraditórias. Houve por um tempo silêncio, aí disse: sem problemas vamos falar de outra coisa [...]. Uma semana depois voltei à escola e convidei quatro crianças para a sala de leitura e propus brincarmos de jogo da memória, neste dia após o recreio as crianças estavam dispensadas das aulas, foi aí que elas resolveram falar do [que] haviam respondido no questionário. As crianças contaram que o problema não estava no tempo do recreio e nem tampouco entre os colegas, mas nos conflitos e violências no meio familiar. O recreio neste momento, apenas foi usado como forma de fazerem suas vozes serem escutadas (SOUZA, 2009, p. 86-87).

Com esse relato, compreendemos a importância de o pesquisador apreender o conjunto de manifestações das crianças no processo de pesquisa, além de respeitar as respostas das crianças. A autora demonstrou cuidado ao inquirir as crianças, com o devido respeito ao tempo de que precisavam para esclarecer o que pensavam.

Listamos a seguir alguns desafios na realização dessas pesquisas, conforme apontam as autoras em questão. Moraes (2010) explica que, no segundo encontro com as crianças, tinha o propósito de desenvolver outra oficina (além da oficina de desenhos)

para conhecer as percepções das crianças sobre a infância e para saber o que faziam e do que brincavam. Para isso, a pesquisadora levou jornais e revistas, solicitou que as crianças recortassem figuras e colassem em um papel. Em seguida, solicitou que o grupo construísse uma história coletiva com as imagens selecionadas. Segundo a autora, as crianças recusaram-se a participar:

Algumas crianças falaram que não sabiam fazer isso e ficaram resistentes [...]. Eu me pus a ajudá-las, mas ainda assim algumas não quiseram participar, nós começamos uma história com algumas crianças, mas a atividade não as interessou, causando uma grande dispersão, então resolvi não continuar a atividade e passamos a fazer algumas brincadeiras (MORAES, 2010, p. 35).

Examinando essa experiência, vemos que nem sempre é tarefa fácil a coleta de informações em pesquisas com crianças, principalmente quando isso demanda a produção de materiais pelas crianças sob a orientação do pesquisador. Para além do planejamento da pesquisa, o processo de realização pode levar a outros caminhos, principalmente a partir da reação dos sujeitos envolvidos.

Moraes (2010) destaca outro desafio de sua pesquisa, de forma específica sobre o processo de entrevista com as crianças. Inicialmente, a pesquisadora realizou entrevistas com um grupo de crianças em um barracão do assentamento, cercado por árvores. Percebeu que em alguns momentos as crianças dispersavam-se, principalmente quando havia conflitos entre outras crianças não participantes das entrevistas, mas que transitavam pelo barracão. Por esse motivo, resolveu entrevistar o outro grupo de crianças em uma biblioteca próxima, contudo essa mudança de espaço não foi bem-sucedida:

[...] na biblioteca a entrevista teve mais problemas ainda: os livros chamavam a atenção das crianças que queriam manuseá-los; como a biblioteca estava aberta, várias pessoas entravam e saíam do espaço com frequência, geralmente fazendo barulho, tive que parar a entrevista várias vezes por conta do barulho e para mudar de lugar (MORAES, 2010, p. 40).

A entrevista é apenas um exemplo de técnica de coleta de informações que pode ser empregada em pesquisas com crianças e que requer cuidado da parte do pesquisador, seja em função do grupo pesquisado, seja devido ao lugar de realização, entre outros fatores. Demartini (2009, p. 8), ao tratar sobre infância, pesquisa e relatos orais, pondera que, “dependendo do contexto, temos crianças com mais condições de falar e crianças que têm menos condições de falar”. Assim, o contexto, a exemplo do

ambiente de pesquisa, precisa ser considerado em pesquisas com crianças. De todo modo, ao utilizar entrevista ou outra(s) técnica(s), o pesquisador deve planejar o processo de pesquisa e avaliá-lo ao longo de sua realização, além de estar atento às reações das crianças.

Azevedo (2010) menciona um desafio no processo de sua pesquisa, próprio do procedimento metodológico que ela escolheu, o método observacional:

Um dos inconvenientes apontados ao método observacional [...] é justamente a possibilidade de que a presença do observador provoque alterações nas condutas e comportamentos dos observados. Para evitarmos isto, fizemos um período de adaptação, ocorrido em quatro visitas à instituição no mês de maio de 2010, das quais duas consistiram em sessões de 30 min. de observação exploratória filmada e registrada em diário de campo dos infantes no “tempo livre”. Nestas sessões, nos posicionávamos no mesmo ambiente em que estavam as crianças, mas procurávamos nos manter distantes, para não interferir. Quando, porém, elas se dirigiam a nós, procuramos ser continentas e atendê-las (AZEVEDO, 2010, p. 15).

A pesquisadora, então, ao longo da investigação, buscou manter distância espacial das crianças, em função do método que adotou para a coleta de informações, para não alterar os comportamentos das crianças com sua presença. Com seus equipamentos de filmagem e diário de campo, a pesquisadora acompanhava as crianças nos espaços em que circulavam no tempo livre, de forma a respeitar a privacidade das crianças e minimizar sua presença enquanto pesquisadora.

Mesmo com essa escolha metodológica, o estudo de Azevedo (2010) é minucioso na descrição das manifestações (discursos, interações e linguagem corporal, principalmente) dos meninos pesquisados. Esse estudo revela também a sensibilidade da pesquisadora na análise das linguagens das crianças elencadas.

Por outro lado, sua pesquisa enfrentou outra dificuldade: a atenção que algumas crianças davam aos equipamentos de filmagem no processo inicial de investigação e o incômodo que a gravação suscitou em duas funcionárias, quando estavam em contato com as crianças no tempo livre:

A [...] dificuldade encontrada e sanada foi quanto à excessiva atenção que alguns sujeitos davam ao equipamento de filmagem, pulando à sua frente, pedindo para serem filmados e etc. Por isso, todas as sessões foram iniciadas dando tempo para que as crianças se acostumassem à câmera e voltassem a agir da forma habitual. Além disso, a pedido de duas funcionárias uma sessão de observação foi registrada apenas em diário de campo (AZEVEDO, 2010, p. 16).

A autora apontou ainda a desconfiança da equipe do abrigo quanto a sua pesquisa:

Como ser-pesquisadora passamos por algumas dificuldades ligadas à desconfiança em relação a nossos objetivos e metodologias de pesquisa, especialmente dentro do próprio abrigo. Sempre que chegávamos à instituição e havia uma nova equipe de educadores de plantão tínhamos que explicar nossa proposta de pesquisa e esforçar-nos pelo convencimento de que nossa intenção não era desqualificar o trabalho do abrigo, mas conhecer o sentido de corpo vivido pelas crianças (AZEVEDO, 2010, p. 184).

Portanto, os funcionários do abrigo preocupavam-se com a exposição do trabalho que desenvolviam e com as filmagens das crianças acolhidas nessa instituição. A autora, contudo, ressalta que sempre esclareceu seu compromisso ético na pesquisa, que incluía a não divulgação das imagens gravadas.

Souza (2014, p. 35) ressalta que um dos desafios de sua pesquisa foi o processo de comunicar os dizeres das crianças sobre o trabalho infantil e fazer repercutir suas falas na academia e entre outras pessoas envolvidas nessa prática, “principalmente porque mostra a vivência concreta que muitas crianças e adolescentes atravessam na assunção de um trabalho precoce com fortes marcas de alienação”. Então, duas grandes questões desafiaram a pesquisadora: colocar em questão os dizeres das crianças e discutir o trabalho infantil.

Por outro lado, segundo Souza (2014, p. 182), “os achados revelados pelo discurso de crianças e adolescentes da Amazônia paraense podem nos guiar a outros caminhos, a outras pesquisas, no sentido de ouvir mais as crianças, os adolescentes, os pais, a escola” sobre o trabalho infantil. Desse modo, assume-se que os discursos das crianças também são reveladores das experiências sociais, as que elas vivenciam ou as que observam. Seus testemunhos nas investigações podem levar-nos a outros caminhos, a outras pesquisas, que podem enriquecer os estudos científicos.

Em geral, as experiências de pesquisa com crianças, ora analisadas, revelam desafios enfrentados por pesquisas que envolvem seres humanos, como, por exemplo, a aceitação de todos os participantes (os sujeitos da pesquisa, os presentes no *locus* investigado, entre outros) quanto à realização da pesquisa, a entrada em campo e o tempo para os pesquisadores serem aceitos pelo grupo investigado, a utilização de cuidados éticos ao longo do estudo, o respeito às reações dos sujeitos, a escolha de procedimentos metodológicos adequados para a coleta de informações.

De outro modo, as cinco produções analisadas valorizam a participação de crianças como sujeitos de pesquisa, como salienta Souza (2009, p. 126):

Escutar as vozes das crianças foi um desafio prazeroso. [...] A elas me curvo, diante delas escuto suas vozes suaves, estridentes e, às vezes, melancólicas. As crianças me permitiram revelar fenômenos sociais que o olhar de um adulto muitas vezes deixa passar.

Inferimos da leitura dessas produções que, muito embora existam desafios no processo de realização de pesquisas com crianças, é preciso conhecer os pontos de vista das crianças para construir conhecimentos acerca de suas vivências e de outros aspectos sociais, pois as crianças “são sujeitos que expressam suas culturas, seus pensamentos e seus sentimentos, indicam aspectos da sua vida e do mundo concreto com sabedoria” (SOUZA, 2009, p. 124). Acrescenta-se a isso o fato de que “as pessoas grandes não compreendem nada sozinhas” em se tratando do universo infantil, conforme pondera Azevedo (2010, p. 184), citando Saint-Exupéry.

Em nossa análise, verificamos que as dissertações de Souza (2009), de Azevedo (2010) e de Moraes (2010) trazem uma maior discussão teórica sobre as pesquisas com crianças e dão ênfase aos relatos sobre a experiência de realização de pesquisas com crianças. Na tese de Souza (2014) e na dissertação de Charone (2008), há menos indicações das autoras sobre a experiência de ter crianças como sujeitos em seus estudos.

Em concordância com Quinteiro (2009), ressaltamos a importância da problematização e da descrição do processo de pesquisas com crianças. Acreditamos que esses aspectos podem contribuir para nortear pesquisas vindouras que tenham crianças como sujeitos, principalmente porque os conhecimentos sobre as pesquisas com crianças ainda são poucos, embora seja “uma área aberta em que não há receitas prontas” (DEMARTINI, 2009, p. 14).

5 Considerações finais

Nas últimas décadas alargaram-se as perspectivas de estudo sobre a criança e a infância ao se assumir a criança como sujeito ativo na sociedade, e por isso, alguém que também pode contribuir com suas interpretações. Por ser fundamentalmente um ser que atribui sentido ao que vive e faz leituras do universo social, a criança passa a ser vista como um importante sujeito para participar de pesquisas científicas.

Ainda que haja o reconhecimento da criança como sujeito de conhecimento e não apenas como objeto de conhecimento em pesquisas, precisamos expandir as discussões sobre a participação das crianças nas investigações científicas, com vistas a construirmos novos caminhos investigativos que nos permitam, dentre muitos aprendizados, conhecer sobre as crianças a partir delas próprias.

No contexto amazônico, particularmente no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, ainda é mínima a produção de pesquisas com crianças. Contudo, as produções defendidas no âmbito desse Programa, que tiveram as crianças como sujeitos nas investigações, certamente contribuem para o debate acerca das pesquisas com crianças da Amazônia.

As dissertações e tese do PPGED da UFPA ora analisadas evidenciaram que a pesquisa com crianças exige do pesquisador a utilização de cuidados éticos no trato com as crianças, um planejamento minucioso e criativo do processo de investigação, além de uma escuta sensível das vozes desses sujeitos. Por outro lado, essas produções também expressam que é valioso conhecer a perspectiva das crianças.

Por último, consideremos que as pesquisas com crianças na Amazônia precisam intensificar-se, por serem relevantes para o campo científico e porque precisamos conhecer mais detalhes sobre as crianças que vivem nos mais diversos contextos de terras e águas amazônicas.

Referências

AGOSTINHO, Kátia Adair. **Formas de participação das crianças na Educação Infantil**. 2010. 334 f. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

AZEVEDO, Ildilene Leal de. **Acolhendo corporeidades: o sentido do corpo para crianças de um abrigo institucional do município de Belém**. 2010. 268 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; MÜLLER, Fernanda. Ética nas pesquisas com crianças: uma problematização necessária. In: MÜLLER, Fernanda (Org.). **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 65-84.

CHARONE, Tatiana do Socorro Pacheco. **Significados e sentidos dos discursos de um grupo de crianças da 3.ª série do ensino fundamental sobre a profissão e os gêneros na docência**. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CORSARO, Willian Arnold. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Org.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 1-17.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 66, p. 759-779, jul./set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S14134782016000300759&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 29 mar. 2017.

LEE, Nick. Vozes das crianças, tomada de decisão e mudança. In: MÜLLER, Fernanda. **Infância em perspectiva: políticas, pesquisas e instituições**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 42-64.

MARTINS FILHO, Altino José; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. Metodologias de pesquisa com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1496>. Acesso em: 29 mar. 2017.

MARTINS FILHO, Altino José; PRADO Patrícia Dias (Org.). **Das pesquisas com crianças à complexidade da infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MONTANDON, Cléopâtre. **Sociologia da infância: balanços dos trabalhos em língua inglesa**. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 33-60, março/ 2001. Disponível em: <https://www.abebe.org.br/files/16100.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017.

MORAES, Elisângela Marques. **A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação**. 2010. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins. Sobre as crianças, a infância e as práticas escolares. In: REDIN, Euclides; MÜLLER, Fernanda; REDIN, Marita Martins (Org.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007. cap. 1.

QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo em construção. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.).

Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2009.

SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Pesquisas com crianças em contextos da Amazônia: o *locus* e temáticas dos estudos. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 27, n. 51, p. 161-178, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/4973>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

SIROTA, Régine. **Emergência de uma sociologia da infância:** evolução do objeto e do olhar. Cadernos de Pesquisa, nº 112, p. 7-31/ março/ 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742001000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 29 mar. 2017.

SOARES, Natália Fernandes; SARMENTO, Manuel Jacinto; TOMÁS, Catarina. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances:** estudos sobre educação, ano XI, v. 12, n. 13, p. 49-64, jan./dez. 2005. Acesso em: 29 mar. 2017.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **As culturas infantis no espaço e tempo do recreio:** constituindo singularidade sobre a criança. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **Trabalho infantil:** uma análise do discurso de crianças e de adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho. 2014. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

Sobre as autoras

Marileia Pereira Trindade

Professora da Faculdade de Educação do Campus de Altamira da Universidade Federal do Pará - UFPA. Doutora em Educação pela UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3492-9611>. E-mail: marileiatrindade@gmail.com.

Ivany Pinto Nascimento

Doutora e Pós-Doutora em Psicologia da Educação pela PUC/SP. Docente e pesquisadora do Instituto de Ciências da Educação e da pós-graduação em educação da UFPA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude, Representações Sociais e Educação. Bolsista Produtividade do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2455-3676>. E-mail: ivany.pinto@gmail.com.

Notas

ⁱ Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>.

ⁱⁱ Disponível em: <<http://ppgedufpa.com.br/index.php>>.

ⁱⁱⁱ Os estudos de Souza (2009) e Souza (2014) ora analisados são da mesma autora, correspondendo a sua dissertação de mestrado e a sua tese de doutorado, respectivamente.

^{iv} Azevedo (2010, p. 187) faz crítica ao tempo livre das crianças no abrigo institucional, pois as mesmas têm pouca liberdade de escolha sobre o que fazer e estão sempre vigiadas pelos funcionários da instituição: “Os infantes têm certa flexibilidade para escolher o *que*, *onde* e *com quem* fazer atividades, na maioria das vezes brincadeiras não-dirigidas e com participação indireta dos adultos [...]. Mas isto não significa ausência de controle sobre seus comportamentos e condutas [...]. Mesmo suas escolhas são continuamente vigiadas para não provocarem transtornos à ordem institucional. Falta então liberdade de *como fazer* no tempo livre, que acaba afetando às demais possibilidades seletivas”.

Recebido em: 20/02/2019

Aceito para publicação em: 12/03/2019